

guerreiro das trevas
parte 2
sherrilyn kenyon

Tradução de Rita Carvalho e Guerra

*Guerreiro
das
Trenas*

PARTE II

15 DE FEVEREIRO DE 2004

URIAN agarrou no telemóvel e disfarçou o número para parecer que era o de um Escudeiro Predador da Noite. Telefonou para a central e assegurou-se de que disfarçava o forte sotaque grego.

— Hum, sim, eu estava no Inferno de Dante e acabei de ver um par de *daemon* à procura de vítimas. Talvez queiram acordar um Predador da Noite e mandá-lo para lá antes que matem alguém.

— Obrigado, Escudeiro. Podes dar-nos o teu número de identificação?

Ele desligou, sabendo que responderiam. Respondiam sempre. Antigamente, usava as cabines telefónicas para apresentar relatórios daqueles e atrair Predadores da Noite, para os matar.

Jamais teria ele imaginado, nessa altura, que iria utilizar aquela tática para proteger a herdeira de Apolo.

O Hades deve estar sentado sobre pedras de gelo.

Pior? Um dos amigos de Davyn, Jensen, estava na equipa de assalto. Tentara convencer o idiota a ficar em casa.

Ele não lhe dera ouvidos.

Pelo menos conseguira convencer Davyn a não participar.

Erguendo-se no telhado do edifício ao lado do clube, Urian observou as velas, enquanto as pessoas iam e vinham. O telefone dele tocou. Baixou de relance os olhos e viu o número de Phoebe.

Atendeu de imediato.

— Olá, *zoi mou*.

— Não me chames a «tua vida» neste momento. Ouvir isso faz-me pensar que tens más notícias.

— Meu Deus, não, Phee. A tua irmã está bem. Não a estou a ver, mas os rapazes ainda não chegaram, por isso ela está em segurança.

— Tens a certeza?

— Absoluta. Consigo sentir a Kat lá dentro. É impossível confundir o seu poder. E está calma. Não há relâmpagos a voar. Ninguém a chamar a polícia.

— Está bem. Amo-te.

— *Eimai trellos gia sena.*

— Sabes que isso é grego, certo?

Ele riu-se do seu tom provocatório.

— Sou louco por ti.

— Ah... bem, despacha-te. Salva a minha irmã e traz esse traseiro maljeitoso e *sexy* para casa. Sabes que sempre que falas comigo em grego me deixas em brasa.

E aquelas palavras deixaram-no imediatamente duro.

— Isso foi mauzinho.

— Eu sei. Vem depressa.

— Sim, minha senhora.

Ele desligou o telefone e acalmou-se quando viu os amigos a chegar.

Raios! Se o Predador da Noite não chegasse, ia ter de entrar naquele bar e juntar os Predadores do Homem para proteger pessoalmente Cassandra.

E isso ia correr tão bem como um Charonte no templo de Ártemis.

Merda...

Urian acabara de se reconciliar com esse destino miserável quando, por fim, viu um predador enorme e pesadão a avançar, calmamente, em direção à porta. Sim, era impossível não reconhecer aquele andar arrogante.

Predador da Noite. Graças aos deuses.

Batendo silenciosamente continência ao sacana, Urian regressou às sombras. Agora ia dar uma e pôr fim àquela noite de treta. Lidaria mais tarde com o pai.

E teria de lidar.

Porque ia ser o caos. Mas o sorriso no rosto de Phoebe quando lhe dissesse que Cassandra estava em segurança valia a pena.

A esposa iria, decerto, retribuir o favor e mostrar-lhe a sua gratidão. No entanto, quando abriu o portal que o levaria a Elysia, não pôde deixar de pensar que tinha o tempo contado e que tudo estava prestes a desmoronar-se.

Conseguia senti-lo nos ossos.

A morte aproximava-se. E a sacana já o tinha marcado.

16 DE FEVEREIRO DE 2004

URIAN entrou no gabinete do pai com o orgulho e a graciosidade de um predador letal. Sem olhar para a direita ou para a esquerda, avançou diretamente para junto do pai, que se encontrava em frente à secretária, para relatar o que descobrira no Inferno, onde estivera antes para falar com o irmão de Dante Pontis, Sal. Uma panterazinha bajuladora.

Depois desse encontro, sentira a necessidade de tomar um duche, e mal passara quinze minutos a falar com a besta humanoide.

O pai semicerrou os olhos, fitando-o.

— Já soubeste alguma coisa?

Urian abanou a cabeça.

— Ainda não. O Predador do Homem disse que perdeu o rasto dela, mas que o há de reencontrar.

O pai deu-lhe uma palmada nas costas.

— Quero pelo menos vinte homens à espera. Será impossível escapar-nos a todos.

Que merdaviilha. Torna isto tão difícil para mim quanto te for possível. Exteriormente, Urian não mostrava qualquer emoção.

— Vou convocar os Illuminati.

O pai inclinou a cabeça na direção dele.

— Ótimo. E, desta vez, irei convosco.

Isso era verdadeiramente desconcertante. O pai nunca saía com eles para aquelas missões. Aliás, Urian nem se conseguia lembrar da última vez que o pai deixara Kalosis.

Normalmente, Trates levava as refeições ao pai, que sugava as almas aos humanos no salão principal.

Maldição, o mundo estava mesmo a acabar. E ele ia assistir na primeira fila.

Uma parte de si queria avisar o pai de que o reino humano estava muito diferente do que era da última vez que ele se aventurara a sair, mas a experiência dizia-lhe que nunca deveria fazer tal coisa. O pai tendia a ver «conselhos» como condescendência. E *isso* nunca resultava bem para a pessoa que os dava.

Ainda que fossem os filhos.

Por isso, Urian mordeu a língua e convocou os seus soldados para o ataque ao apartamento de Cassandra. Mas no fundo da sua mente começara já a pensar como haveria de a retirar em segurança de lá, agora que o pai também ia com ele. No passado, nunca fora simples.

Aquilo ia ser bem mais difícil.

E, no entanto, deixá-la morrer era impensável. Phoebe jamais lho perdoaria.

Merda. Aquilo estava prestes a ficar feio.

URIAN *ainda* estava a tentar encontrar um plano de fuga adequado para Cassandra, mas, raios, tinha o povo de ambos mesmo em cima dele. Era-lhe impossível inspirar sem que tivessem sido eles a exalar.

Era ridículo. Estava prestes a fingir um ataque cardíaco. Se ao menos um *daemon* pudesse ter um.

Frustrado, não teve outra escolha que não fosse assistir enquanto o pai tocava à porta do apartamento de Cassandra fingindo ser um entregador.

Utilizando os seus poderes, escutou atentamente para perceber se Kat estava com ela.

— Kat?

Ouviu Cassandra a chamar. Ninguém respondeu.

— Kat? — tentou novamente.

O pai voltou a bater, desta vez de forma mais veemente.

Urian ouviu os sons de pés apressados, como se a cunhada estivesse à procura de algo nos quartos. Conseguia sentir o gosto do medo, quando ela regressou à parte de trás do apartamento.

O pai dele desapareceu, sem dúvida determinado a encontrar-se ali com ela. Cassandra parou de se mover.

— Kat, és tu?

— Sim, deixa-me entrar.

Urian estremeceu quando se apercebeu de que não se tratava da voz de Katra, mas do pai a fingir ser ela. Raios! Tinha ouvido a *kori* vezes suficientes para reconhecer a diferença na cadência.

Ele vai matá-la...

Cassandra riu-se nervosamente enquanto abria a porta e Urian teleportou-se para as traseiras, para tentar atrapalhar, e, com alguma sorte, salvar-lhe a vida.

Infelizmente, calculou mal a distância e acabou por aparecer *dentro* do apartamento, alguns metros atrás dela. *Muito bem, idiota.*

Por sorte, ela estava demasiado hipnotizada pelo pai dele para se dar conta de que tinha companhia dentro de casa, e o pai demasiado ocupado a assustá-la para se preocupar com o facto de ele ter feito asneira. Isso já era mau o suficiente. Pior? Surgiu um outro *daemon* ao lado dele.

A sério? Naquela noite, não lhe estavam a dar descanso. Só ele para ficar agarrado a um tipo que pretendia superar as expectativas.

— Sentiste a minha falta, princesa? — perguntou o pai a partir do lado de fora da porta das traseiras, com uma voz idêntica à de Kat.

Cassandra imobilizara-se, de boca aberta.

— Quem és tu? O Exterminador Implacável?

O pai sorriu, malicioso.

— Não, sou o Mensageiro que prepara o caminho para a Destruidora. — Ele tentou agarrá-la.

Cassandra recuou e quase chocou contra Urian, que também teve de recuar um passo para impedir que ela se apercesse, rudemente, de que tinha uma visita indesejada, cortesia de uma lacuna nos edifícios de apartamentos que ela desconhecía. Também teve de empurrar o companheiro do caminho dela.

Continuando sem se aperceber da presença deles, Cassandra sacou um punhal da cintura e cortou o braço do pai dele.

De olhos vermelhos, Stryker silvou.

Depois ela virou-se e apercebeu-se de que eles estavam no apartamento com ela. Excelente. Com um grito penetrante, ela apanhou o amigo dele no peito com o punhal.

Este evaporou-se numa nuvem dourada-escura antes que Urian conseguisse colocá-lo em segurança. Cerrando os dentes, amaldiçoou-se por não ter sido mais rápido.

Girando, Cassandra pontapeou o pai dele, fazendo-o recuar, mas sem o obrigar a sair pela porta. Em vez disso, ficou a bloqueá-la ainda mais. O que a impedia de escapar.

— És rápida. — Ele curvou o braço, levando-a a ficar de boca aberta perante os seus poderes. — Concedo-to.

Cassandra ergueu o queixo, num gesto de desafio, que recordou a Urian o gesto que Phoebe usava quando ele a irritava.

— Não sabes da missa a metade.

Deu uma joelhada num dos rapazes que a alcançou e lutou contra o vice de Urian. O pai dele manteve-se atrás, observando-a cuidadosamente, para poder aprender as técnicas de Cassandra e usá-las contra ela.

Urian sabia que se não a tirasse dali ou escondesse os seus movimentos, o pai iria atacá-la a qualquer momento e poria fim à sua existência.

Era agora ou nunca. Determinado, correu para ela.

Para seu choque, ela não fugiu. Em vez disso, apanhou-o por baixo do braço e fê-lo virar no ar. Urian caiu ao chão com um gemido sonoro que o deixou zozzo. Precisamente quando ela estava prestes a apunhalá-lo, o pai dele apareceu do nada e agarrou-lhe o braço antes que ela conseguisse apunhalar a marca dos *daemon* de Urian.

— Ninguém ataca o Urian!

Ela guinchou quando Stryker lhe arrancou o punhal da mão. Depois cometeu o erro fatal que tantos antes dela haviam cometido.

Cassandra fitou os olhos do pai que redemoinhavam como mercúrio prateado. Aqueles olhos eram hipnóticos. Dançavam e mantinham qualquer um que os fitasse enfeitiçado. Transformavam os seus pensamentos em papa de aveia.

Urian assistiu enquanto a capacidade de lutar desaparecia, literalmente, de dentro dela. Um sorriso matreiro, sedutor curvou os lábios do pai.

— Vês como é fácil quando não lutas?

Ele inclinou a cabeça dela para o lado, para lhe dar acesso à artéria carótida. O pai fitou Urian e deixou que uma gargalhada rolasse pela sua garganta, um instante antes de afundar os dentes no pescoço dela.

— Estou a interromper alguma coisa?

Urian expôs as presas ao reconhecer a voz grave, de barítono. Era o Predador da Noite a quem chamava, afetuosamente, *Marreta*, porque o sotaque lhe recordava o Cozinheiro Sueco.

O sacana gigantesco afastou bruscamente Stryker de Cassandra. O que era bom, mas...

Urian correu para ver como estava o pai, enquanto o Predador da Noite tomava a sua cunhada nos braços e fugia com ela.

— Apanhem-nos! — gritou para a equipa, sabendo que jamais os alcançariam. Assim, eles tinham uma oportunidade para fugir e Urian uma desculpa para os deixar.

Pelo menos, foi o que pensou.

Mal tocou no ombro do pai, os olhos deste ficaram vermelhos e ele saltou, erguendo-se. Pior, assumiu a sua forma de dragão e lançou-se a voar.

Praguejando, Urian correu para os alcançar.

Fez aparecer uma mota para poder acelerar atrás do *Expedition* verde-escuro de Wulf.

Cassandra e respetiva equipa tinham acabado de trancar as portas quando o pai aterrou no tejadilho, na sua grande forma negra, de dragão.

— Deixem-na sair e poderão viver — disse o dragão na voz de Stryker.

Wulf respondeu, colocando o SUV em marcha-atrás e acelerando. Virou o volante e enviou a besta pelos ares.

O dragão guinchou e lançou sobre eles uma explosão de fogo. O Predador da Noite continuou, sem abrandar. O dragão levantou voo e mergulhou na direção deles, depois arqueou o corpo e elevou-se no céu antes de desaparecer numa tremeluzente nuvem de ouro.

— O que raio foi aquilo? — perguntou Wulf.

— Ele é Apóstolos — murmurou Cassandra, enquanto se esforçava por despertar do transe. — O filho da Destruidora atlante e um deus por direito próprio. Estamos tão lixados.

Wulf emitiu um som de desagrado.

— Sim, pois, eu não deixo que ninguém me coma enquanto não me beijar e dado que não há a mínima hipótese de beijar aquele sacana, não estamos lixados.

Mas quando o seu *Expedition* se viu, de súbito, rodeado por oito *daemon* de mota, reconsiderou.

Pelo menos durante três segundos.

Wulf riu-se.

— Sabes o melhor de conduzir uma coisa destas?

— Não.

Guinou o *Expedition* na direção de três das motas e atirou-as para fora da estrada.

— Podes matar um *daemon* como uma melga.

— Bem, dado que são ambos insetos que se alimentam de sangue, eu diria força.

Urian não se sentiu divertido com aquela conversa. E ainda menos quando Wulf quase o apanhava. Travando, fez sinal aos outros quatro *daemon* que seguiam consigo para que os deixassem ir.

Não apenas por se tratar da irmã de Phoebe, mas também porque não queria ver mais ninguém morrer naquela noite.

Deu meia-volta com a sua *Hayabusa* e voltou para ver se os três Illuminati que tinham sido abalroados necessitavam de ajuda médica para regressarem a casa.

9 DE MARÇO DE 2004

STRYKER andava para trás e para a frente, no salão de banquetes mal iluminado, querendo sangue e não o dos seus. Há três semanas que não conseguiam encontrar o rasto do Predador da Noite Wulf Tryggvason ou da herdeira *apollite* Cassandra Peters, que era a chave final para eliminar a sua maldição de uma vez por todas e afastar deles Hélio!

Como se teriam conseguido esconder com tamanha eficácia? Não fazia o mínimo sentido!

Tinha Urian a trabalhar no caso, mas parecia inútil.

— Quão difícil pode ser descobrir onde vive um Predador da Noite?

— São ardilosos, *kyrios* — disse Zolan à sua direita.

Zolan era o terceiro na hierarquia de comando e um dos soldados mais fiáveis, depois de Urian e Trates. Tinha subido nas fileiras dos Spathi graças à sua capacidade para assassinar implacavelmente e nunca mostrar misericórdia por ninguém.

Como Stryker, escolhera pintar o cabelo de preto e usava o símbolo Spathi, de um sol amarelo com um dragão no centro: o emblema de Apollymi, a Destruidora.

— Se não fossem — prosseguiu Zolan —, teríamos sido capazes de os localizar e usar os nossos criados para os matar enquanto dormem.

Stryker virou-se para Zolan com um olhar tão malévolo que o *daemon* se encolheu para longe dele. Apenas o filho tinha coragem suficiente para não se encolher perante a sua raiva. A coragem de Urian não tinha igual.

Do nada, Xedrix surgiu à sua frente no salão. Ao contrário dos *daemon*, Xedrix não se curvava nem reconhecia o estatuto elevado de Stryker no mundo deles. A maioria das vezes, Xedrix tratava-o mais como um criado do que como um senhor, o que o irritava solenemente.

O demónio acreditava, sem dúvida, que Apollymi o protegeria sempre, mas Stryker sabia a verdade. A mãe amava-o a *ele*, em absoluto e a mais ninguém.

— Sua Graça Benevolente deseja uma palavra contigo — disse o demónio numa voz baixa, constante.

Graça Benevolente. Não faltava mais nada! Sempre que Stryker ouvia o título de Apollymi, sentia vontade de rir, mas sabia que não o podia fazer. A mãe não tinha um verdadeiro sentido de humor.

Sem demoras, usou a força de vontade para se projetar para o palácio dela e atravessou as portas duplas que conduziam ao seu jardim privado onde esperava por ele.

Como era habitual, Apollymi inclinava-se sobre a sua lagoa, onde as águas negras fluíam em sentido oposto, subindo por um tubo brilhante, daquele mundo para o reino humano. À volta da água, havia uma neblina leve e vapores com as cores do arco-íris. A deusa usava a lagoa como se de uma bola de cristal se tratasse, para poder saber o que se passava na Terra. No passado. No presente. E no futuro.

— Ela está grávida — anunciou a deusa sem se virar.

Stryker sabia que o *ela* a quem a deusa se referia era Cassandra. — Como pode isso ser?

A deusa ergueu as mãos e desenhou um círculo no ar. A água do espelho formou uma espécie de bola de cristal. Pese embora fosse suportada apenas por ar, redemoinhou até mostrar uma imagem da mulher que ambos queriam morta. Não havia nada na bola que lhe desse qualquer indicação de como encontrar Cassandra.

Apollymi deslizou uma das unhas pela imagem, levando-a a estremecer e a deformar-se.

— Ártemis está a interferir connosco.

— Ainda há tempo para matar mãe e filha.

Ela sorriu.

— Sim, há. — Ela abriu as mãos e a água desenhou um círculo no ar, libertando-se da bola e regressando à lagoa. — Agora é a hora de atacar. O Elekti foi detido por Ártemis. Não te pode parar. Não saberá sequer que atacaste.

Stryker estremeceu, perante a referência ao Elekti. Como a Abadonna, Stryker estava proibido de o atacar.

Odiava restrições.

— Não sabemos onde atacar — disse à sua mãe. — Temos procurado...

— Leva um dos ceredontes. Os meus bichinhos conseguirão encontrá-los.

— Pensei que estavam proibidos de deixar este reino.

Um meio sorriso cruel curvou-lhe os lábios.

— Ártemis quebrou as regras, por isso também o farei. Agora vai, *m'gios*, e deixa-me orgulhosa de ti.

Stryker acenou com a cabeça e virou-se rapidamente. Deu três passos antes de a voz da Destruidora o fazer parar.

— Lembra-te, Strykerius, mata a herdeira antes do regresso do Elekti. Não deves lutar contra ele. Nunca.

Ele parou, mas não olhou para trás.

— Por que razão me foi sempre proibido tocar-lhe?

— Não nos cabe perguntar porquê. Cabe-nos viver ou morrer. — Stryker cerrou os dentes enquanto ela lhe oferecia a citação humana.

Quando voltou a responder, a frieza no tom da voz dela enraiveceu-o ainda mais.

— A resposta é o quanto valorizas a tua vida, Strykerius. Mantive-te por perto durante todos estes séculos e não tenho qualquer ensejo de te ver morto.

— O Elekti não me pode matar. Sou um deus.

— E deuses maiores já caíram. Muitos deles vítimas da minha ira. Escuta as minhas palavras, rapaz. Escuta-as bem.

Irritado com aquilo, Stryker prosseguiu no seu caminho, parando apenas o suficiente para libertar *Kyklonas*, aquele cujo nome significa «tornado». Uma vez libertado, o ceredonte, como ele e Urian, era uma ameaça mortífera.

10 DE MARÇO DE 2004

— **CONTINUEM** a atingi-los com tudo!

Urian estremeceu perante as ordens do pai. Estavam a atacar a mansão de Wulf como se fosse o último nível de *Call of Duty*. Era de admirar que ainda não tivessem chamado a guarda nacional.

Isto é ridículo!

Mas não se atrevia a tentar chamar o pai à razão quando este se encontrava de tão mau humor. Seria o mesmo que tentar chamar o rei Leónidas à razão, e ele não tinha qualquer desejo de ser lançado para um fosso repleto de espigões ou de servir de refeição para os leões.

E ficou igualmente chocado quando Kat apareceu na casa da guarda com eles. Ela estremeceu ao fitar os dois homens mortos, no chão, homens que o pai dele matara ao chegar. Já para não falar da dúzia de *daemon* que o pai colocara no relvado em preparação para uma nova ronda de ataques.

Estavam apenas quatro *daemon* dentro da casa da guarda. Ele, o pai, Icarus e Trates.

Trates ergueu os olhos dos monitores e empalideceu ao ver aparecer a única pessoa que nenhum deles podia magoar.

— Como é que entraram aqui? — perguntou Kat.

Urian dirigiu-lhe um olhar divertido.

— Viemos a andar.

Stryker virou-se lenta e metodicamente para a fitar com um sorriso irónico. Não havia medo nele, apenas um gozo seco. Ao contrário de Urian, a sua resposta não foi tão sarcástica.

— Os guardas saíram quando comemos o entregador de pizzas e tentaram deter-nos. Arrastámo-los para o interior, depois de estarem mortos.

— São tão maus.

Urian fungou.

— Um bocado opiniosa?

O pai ignorou o comentário dele e sentiu-se orgulhoso do insulto de Kat.

— Obrigado, querida, é algo de que me orgulho.

Kat abriu o portal para Kalosis.

— Está na altura de irem todos para casa.

Stryker fitou a abertura, depois riu-se.

— Temo que não, querida. Neste momento, a mamã gosta mais de mim. Por isso podes enfiar esse portal pelo teu rabinho atraente acima. Eu e os meus rapazes temos trabalho para fazer. Junta-te a nós ou sai.

Urian apercebeu-se do brilho do medo nos olhos de Kat, um medo suscitado por aquelas palavras. Não podia culpá-la. O pai era aterrorizante.

— *Têm* de ir. As regras são essas. O portal abre-se e vocês atravessam-no.

Stryker avançou, os seus olhos sinistros e frios.

— Não, não temos.

O portal fechou-se.

Ela arquejou. A Destruidora também dera uma chave a Stryker e permitira-lhe assumir o controlo.

Stryker tomou o rosto dela nas mãos.

— É uma pena que ela te proteja tanto. Caso contrário, há séculos que teria provado.

Kat fitou-o, furiosa.

— Tira as mãos de cima de mim ou perdê-las-ás.

Para surpresa dela, ele obedeceu, mas não sem antes a beijar rudemente.

Kat guinchou e esbofeteou-o.

Ele riu-se.

— Vai para casa, miúda. Se ficares aqui, vais magoar-te.

Com o corpo a tremer, Kat teleportou-se para o interior da casa.

Urian abanou a cabeça.

— Não devias tratá-la assim. — As palavras foram proferidas antes de se conseguir impedir.

O pai fitou-o, incrédulo.

— Desculpa?

— Foste tu quem nos ensinou que se alguma vez agarrássemos numa mulher ou falássemos com uma como acabaste de fazer, davas-nos uma tarefa.

— Eu sei. Mas há algo nela que dá comigo em doido.

Não querendo discutir, Urian voltou a olhar para os monitores.

Alguns minutos depois, viu um *flash* brilhante e ouviu a violenta imprecação do pai.

— Cuidado — disse o pai, avisando os seus homens que lançavam mais um ataque contra a casa. — Não que seja provável, mas deem-lhes uma hipótese de se entregarem antes de destruírem a casa.

— Porquê? — perguntou Trates. — Pensei que o objetivo era matar a herdeira.

Urian dirigiu ao homem um olhar irritado que dizia *És completamente idiota?*

— Sim, mas se magoarmos a Abaddon no processo, vamos descobrir qual a sensação de sermos virados do avesso. Literalmente. Como a maior parte dos seres, gosto do facto de a minha pele estar *fora* do meu corpo.

— Ela é imortal — argumentou Trates. — O que é uma bomba para ela?

— Imortal como nós, idiota. — Urian arrancou o lança-foguetes da mão de Trates e entregou-o a Icarus. — Se lhe rebentares o corpo, ela *vai* morrer. Nenhum de vocês quer saber o que nos faria a Destruidora caso isso acontecesse.

Icarus apontou com mais cuidado.

Stryker acenou com a cabeça, em aprovação do filho, depois projetou os pensamentos para o resto da equipa.

— Cubram as saídas. Tenho a certeza de que o Predador da Noite tem uma porta das traseiras para escapar deste sítio. Quando eles fugirem, é melhor que os apanhem. Fiquem atentos.

STRYKER estudou atentamente as câmaras de segurança. Sabia que a herdeira e os guardas não podiam ficar muito mais tempo dentro de casa. Os seus homens já tinham destruído por completo a garagem e estavam agora a avançar pela casa, uma secção de cada vez. A parte exterior estava bastante danificada, mas Stryker não conseguia perceber os danos que tinham sido provocados ao interior da casa.

Não que isso importasse. Se aquilo não funcionasse, iam queimar tudo. Já tinha os lança-chamas a postos.

Alguém que valesse o seu soldo decerto tinha túneis de saída. E Wulf valia sem dúvida o seu soldo.

Urian tinha, até então, descoberto várias saídas.

O filho precisava apenas de se assegurar de que as encontravam todas *antes* de a presa deixar o local.

Urian? Projetou os seus pensamentos para o filho. *Estás em posição?*
Sim. Temos todas as saídas cobertas.
Onde estás?
No relvado das traseiras. Porquê? Passa-se algo de errado?
Não, só queria ter a certeza de que os conseguimos apanhar.
São teus, solren. Relaxa.
É o que vou fazer depois de ela estar morta.

URIAN praguejou perante a loucura no seu crânio que lhe estava a gerar uma enxaqueca. Já era suficientemente mau ter as almas humanas constantemente a gritar dentro da sua cabeça. Agora o pai era um lunático enraivecido que ia gritando ordens silenciosas a todos, enquanto procurava gerir cada *nanobit* daquela noite.

Já para não falar no facto de Trates estar de tal modo aterrorizado com a possibilidade de cometer um erro que os seus níveis de adrenalina atuais eram os de um chihuahua assustado sob efeito de esteroides com *shots* de café duplo a cada dez segundos e meio.

Incluam-se todos os outros *daemon* na propriedade que estavam a sujar as calças e...

Não era de admirar que o seu nariz não parasse de sangrar.

— Estás bem, querido?

Ele derreteu-se quando Phoebe lhe pousou uma mão suave na testa.

— Não, sou um filho da mãe idiota por ter deixado que me convenceses a fazer isto.

Ela ergueu-se em bicos de pés e beijou-lhe os lábios.

— É a única maneira. A minha irmã jamais confiará em ti se eu não estiver presente. E não quero arriscar que um Predador da Noite te mate.

Engraçado, ele não a queria arriscar a *ela*, de todo.

— Se ele te meter uma mão em cima, garanto-te...

— Chiu... — Ela pousou os dedos nos lábios dele para silenciar os protestos. — Temos de nos apressar, certo?

Odiava quando ela usava as palavras dele contra ele. Phoebe fora a arma mais poderosa que o universo alguma vez criara para o derrubar. E sinceramente? Ainda alimentava a esperança de que, se adiasse o suficiente a sua chegada, pudessem falhar e permitir que a irmã dela fosse capturada e morta, e assim não teria de arriscar a sua esposa. *Isso servir-lhe-ia bem.*

Antes a morte de Cassandra do que a de Phoebe, e se a maldição fosse quebrada, quando isso acontecesse...

Ainda melhor.

— Urian — disse Phoebe calmamente —, não estamos a avançar.

Ele rosnou no fundo da garganta.

— Está bem. — Odiando-se pelo facto de aquilo lhe parecer, claramente, uma desgraça e de ele estar a participar em algo que sabia ser parvo, arriscado e contra todos os seus instintos de sobrevivência, pegou nela e levou-a para o único local de que não falara ao pai.

A casa dos barcos.

De todas as saídas da casa que descobrira, Urian calculou que aquela representaria a rota de fuga mais provável. Para quatro pessoas, representava uma maior proteção e a forma mais rápida de passarem pelo inimigo sem serem vistos. Em especial um que lhes lançava um bombardeamento cerrado.

Além disso, quem estaria à espera de um barco? E quais as hipóteses de o inimigo ter, por acaso, um barco à mão para o seguir?

Sim, uma fuga de barco era o que fazia mais sentido. Além disso, o sacana era um viquingue. Fugir pela água seria dos seus primeiros pensamentos. Não era a maneira de pensar de uma pessoa moderna normal e bem integrada, mas no caso de um assaltante viquingue...

Barco.

Por isso, ali estavam eles.

Urian empurrou Phoebe para as sombras.

— Espera aqui e não te mexas. Deixa-me assegurar que o perímetro está seguro.

— Sim, senhor. — Ela bateu-lhe uma continência fingida.

Revirando os olhos, ele dirigiu-se à porta dos fundos.

Phoebe cerrou os lábios enquanto admirava o melhor dos traseiros e o andar mais mortífero de qualquer homem da história da humanidade. A sério, ninguém poderia ultrapassar Urian. Até Davyn concordava e tinha estado casado com o irmão gémeo dele.

Isso dizia muito.

Embora tempos houvesse em que se perguntava se deveria ter ciúmes por Davyn estar tão atento ao traseiro do marido. Ou até preocupada, tendo em conta os gracejos de Davyn.

Felizmente, sabia que o marido era absolutamente fiel. Caso contrário, estaria sempre um bocadinho nervosa, tendo em conta que tinham de passar tanto tempo afastados. Era preciso uma enorme dose de confiança para

deixar um homem tão escaldante viver longe dela durante quase todo o seu casamento. Por outro lado, também Urian tinha de confiar nela para a deixar sozinha. Porque a solidão era difícil de suportar.

Não querendo pensar nisso, Phoebe olhou de relance para o edifício gigantesco onde se encontrava. Era maior e mais elegante do que a maioria das casas, e tendo em conta a riqueza extrema que ela conhecera ao crescer, era preciso muito para a impressionar.

Isso era algo que aquele local fazia em abundância. A toda a volta havia uma impressionante coleção de barcos topo de gama e altamente tecnológicos que fariam babar até o pai dela. Percebia-se facilmente que o Predador da Noite a quem pertencia a propriedade fora um viquingue na sua vida mortal. Era óbvio que ainda se sentia atraído pelo mar e pelas coisas náuticas.

Tinha já explorado o segundo andar, com quatro quartos, uma cozinha e salas de estar, de jantar e de jogos. Era estranho que ele tivesse optado por uma tal distribuição, tendo em consideração o quão grande era a casa principal... ou fora antes de Stryker ter feito desaparecer metade, enquanto tentava matar a irmã dela.

Urian não estava a brincar quando falara do pai. O homem era louco. Nada o iria, de facto, impedir de os tentar matar. A bomba que colocara no carro onde ela seguia com a irmã e a mãe deviam ter-lho dito, mas quase não se lembrava dessa noite. Era como se a sua mente tivesse dificuldade em lidar com a recordação e, por isso, a tivesse bloqueado.

Tudo aquilo que recordava, verdadeiramente, era de Urian a acenar enquanto passavam, e depois acordar em Elysia, com ele a dizer-lhe que ia ficar tudo bem.

Não sabia o que faria sem ele. Como se aguentaria.

Mas, raios, o pai dele era todo um nível especial de inferno que não fazia o mínimo sentido. Como poderia Urian ser filho de um tão grande maluco?

E por falar nisso...

Urian apareceu não com um, mas com dois corpos.

Phoebe arquejou ao vê-los e ao ar irritado no rosto dele. Sabia que não eram *daemon* devido à presença de corpos.

— O que aconteceu?

— Dois dos nossos homens atravessaram-se no caminho.

— Não são *daemon*.

— Pior... *apollite*. Mas não podia correr o risco de falarem ao meu pai sobre a casa dos barcos. — Pousou-os no chão, perto das traseiras do edifício. Com uma expressão de desagrado, limpou o nariz. — Fica aqui. Deixa-me garantir que não há mais. Volta já.

Phoebe tapou o rosto, sentindo-se terrível por ter causado aquilo. Embora Urian nada dissesse, ela sabia o inferno por que o estava a fazer passar. Durante todos aqueles séculos, ele lutara e arriscara a vida pelos apollymianos. Eles *eram* a família dele.

E ela virara-o contra eles.

Virara-o contra o pai que ele adorava. Por ela.

Sou um ser humano terrível.

Odiava que as coisas tivessem chegado àquele ponto. Estava a obrigá-lo a arriscar tudo aquilo que lhe era querido para estar com ela, e a arriscar a vida. Era tão injusto.

No entanto, ele nunca dissera uma palavra.

Ela olhou para os corpos e estremeceu. Como seria possível que ele não a odiasse? Esse era o seu maior receio. O de que ele acordasse, um dia, e se apercebesse de que ela não valia *aquilo*.

Nesse momento, Phoebe sentiu-se verdadeiramente humilde perante tudo o que tinha. Era raro encontrar alguém na vida que fosse assim tão leal. Irmão. Irmã. Progenitor. Amigo. Até um cônjuge ou filho. A traição era uma parte natural da vida.

Encontrar alguém que fosse, de facto, capaz de matar para a proteger? Que arriscaria e sacrificaria a sua vida a cada dia para a manter em segurança, sem fazer perguntas, e sem pedir nada em troca, e que nunca, mas nunca lho lançasse à cara? Nem mesmo nos dias em que ela se mostrava irritadiça sem motivo nenhum...?

Ela não merecia um amor tão puro e no fundo do seu coração sabia-o. por muito que ela o amasse, não sabia se seria capaz de fazer o que ele fazia, com a coragem que ele lhe mostrava.

Raios.

De repente, ouviu sussurros e o som de passos arrastados na escuridão.

Aterrorizada com a possibilidade de ser o sogro louco, correu para um pequeno armário onde se escondeu. Comprovando assim o seu nível de cobardia e o porquê de, se algo acontecesse a Urian, ela estar perdida.

Pior? Estaria morta.

Lentamente, ouviu algo a raspar e a mover-se de um lado para o outro, como uma ratazana de esgoto gigante que lhe trazia à ideia imagens de *Willard*. Ou, até, todos os filmes de terror com roedores gigantes que alguma vez vira. Por isso, Deus a ajudasse, se lhe aparecesse pela frente uma criatura peluda com bigodes, ia gritar como uma atriz de um filme de série B e gerar uma avalanche! Ia quebrar a barreira do som. Ia, sim!

É melhor que não haja ratazanas aqui...

Depois, de repente, deixou de haver movimento ou som.

Ainda em pânico, Phoebe susteve a respiração. Seria um truque? Teriam os sacanas gelado até à morte? Estava frio ali fora.

Ou talvez fosse uma armadilha para a atrair? Stryker podia ser traiçoeiro. Já tinha ouvido todo o tipo de histórias contadas por Urian sobre as coisas que o pai fizera às pessoas ao longo dos séculos. Não havia nada de que não o julgasse capaz.

Ainda assim, não havia movimento na divisão. Nem som de alguém ou de algo a passar por ali. Roeu as unhas com nervosismo enquanto analisava as sombras com os seus apurados olhos *daemon* e tentava detetar qualquer coisa.

No entanto, a única coisa que conseguia ouvir era o estalar do gelo e o uivar do vento no exterior do edifício. E, claro, a tola voz humana na sua cabeça que se lamentava por estar ali presa. *Isso* fazia-a querer gritar! Mas já estava algo acostumada a que tal acontecesse.

Quando estava prestes a deixar o armário para ir ter com Urian, ouviu algo a mover-se mesmo à sua frente, uma vez mais.

Ai, caramba, iam emergir do chão a poucos metros de onde estava escondida!

Se fosse Stryker ou um dos Illuminati, estava morta!

Aterrorizada, tentou pensar no que fazer, mas ao contrário de Urian, não sabia teleportar-se. Raios, raios, raios! Enquanto tentava controlar a respiração, recuou ainda mais para as sombras e rezou para que não a vissem.

Para seu horror absoluto, o buraco abriu-se e, de facto, saiu do seu interior algo peludo e de bigodes. O sacana tinha um metro e noventa e oito de altura. Bem musculado. E era o inimigo mortal do povo dela. Cristo Senhor! Parecia um Sasquatch!

Phoebe sentiu que os olhos lhe saltavam do rosto perante a altura dele. Assustada e furiosa, procurou um lança-arpões para atingir a baleia. Precisamente quando estava prestes a agarrar num foguete luminoso, apercebeu-se de que ele estava a puxar a irmã dela para a colocar ao seu lado.

A alegria tomou o lugar do medo enquanto as lágrimas a cegavam e congelavam nas pestanas. Há anos que não via Cassie. Estava de tal modo concentrada nela, que quase não se apercebeu das outras duas pessoas que surgiram atrás da irmã. Sentia-se tentada a avançar, mas o gigante com Cassie assustava-a.

— Muito bem — sussurrou o Sasquatch. — Até aqui parece bem. Quero que tu — disse para Cassandra — e o Chris fiquem para trás. Se acontecer alguma coisa, vocês os dois regressam aos túneis e carregam no botão vermelho para trancar a porta depois de passarem.

— Então e tu e a Kat? — Cassandra apontou para o Sasquatch e a mulher alta e loura que surgira com eles.

— Tomaremos conta de nós. Tu e o Chris são as coisas mais importantes.

Phoebe franziu o sobrolho. Então aquele é que era o Predador da Noite *Marreta*. Agora que ouvia o sotaque, a alcunha de Urian fazia todo o sentido.

Ele apontou para os barcos que estavam presos com correntes, suspensos sobre o gelo. — Vai levar-nos alguns minutos a descer o barco semirrígido do suporte para o gelo. — Ele olhou de relance à sua volta. — Esperemos que os *daemon* não nos ouçam.

Cassandra acenou com a cabeça e deu-lhe um leve beijo.

— Tem cuidado.

Ele era um Predador da Noite! Que *nojento*! Que tipo de *apollite* poderia pensar em meter-se na cama com um daqueles animais que o caçara e perseguira a raça deles durante milhares e milhares de anos? Um animal que há gerações que os chacinava sem dó nem piedade?

Gah! A irmã era uma idiota! Se a mãe ainda estivesse viva, seria a primeira a dar-lhe uma tarefa!

Wulf abraçou suavemente a irmã dela, depois abriu a porta. Deu um passo e começou a agir de forma estranha.

Ah, raios, tinha, decerto, encontrado os corpos que Urian aí deixara. O que significava que ia entrar em pânico e fazer algo parvo. Porque era isso que os Predadores da Noite faziam.

Algo parvo que levava à morte a espécie dela.

Tenho de fazer alguma coisa. E depressa antes que ele os denunciasse e levasse a que Urian fosse ferido.

Estava a percorrer as suas opções quando ele retirou da bota uma espada retrátil. *Agora ou nunca, Pheeb...*

Inspirando fundo para dar coragem a si mesma, ela emergiu das sombras e avançou na direção dele. Ele preparou-se para atacar.

— Está tudo bem — disse Phoebe rapidamente, rezando para que ele não a apunhalasse. — Sou uma amiga.

A expressão no rosto dele dizia que não estava a acreditar nela, de todo.

Mas, felizmente, Cassie reconheceu-a. Arquejando, fitava-a absolutamente incrédula.

O tempo parou enquanto Phoebe fixava o cabelo comprido louro-arruivado e as feições que eram muitíssimo parecidas com as da sua mãe. Sentira tanto a falta da família!

— Phoebe? — sussurrou Cassie. — És mesmo tu?

As lágrimas toldavam-lhe a visão enquanto as lágrimas a sufocavam.

— Sou eu, Cassie. Estou aqui para te ajudar.

A irmã recuou e colidiu com o tipo muito mais pequeno, de cabelo escuro, que se encontrava atrás dela. Este fitava Phoebe com todo o tipo de malícia. E o mesmo se podia dizer da mulher alta e loura que parecia pertencer a uma qualquer ilha onde pudesse realizar uma sessão fotográfica para o número dedicado aos biquínis da *Sports Illustrated*, e não a uma casa dos barcos a fugir de *daemon*.

Mas foi a dúvida nos olhos de Cassandra que a magoou.

— Devias estar morta.

— Eu *estou* morta — sussurrou Phoebe.

— És um *daemon*. — Era impossível ignorar a acusação e a crítica no tom de voz do Predador da Noite.

Phoebe acenou com a cabeça.

— Oh, Phoebe... — A voz de Cassandra estava carregada de desilusão. — Como pudeste?

A sério? Também ela? Como se *pudesse* falar, tendo em conta a companhia em que se encontrava? Pelo menos Phoebe não se tornara uma traidora.

— Não me julgues. Tive as minhas razões. Agora temos de *te* levar para um local seguro.

Cassandra arquejou.

— Como se eu fosse confiar em *ti*? — A irmã chegou mesmo a inclinar a cabeça e a agir como se a fosse atacar. — Lembro-me do tio Demos.

Também ela. Era impossível esquecer um *trelos* quando este se transformava e perseguia tudo o que via com uma tão grande fúria. Era aterrorizante e agora que tinha os demónios na sua cabeça, compreendia. Ainda assim...

— Não sou o tio Demos e não tenho qualquer intenção de te transformar em mim.

Phoebe deu um passo na direção dela, mas aquele enorme e irritante Predador da Noite impediu-a de se aproximar mais de Cassandra.

Phoebe fitou-o, furiosa com a interferência. Ela era família. Ele não! Desesperada, olhou para a irmã.

— Por favor, Cassie, tens de acreditar em mim. Eu jamais te magoaria. Juro pela alma da nossa mãe.

Mal terminara a frase quando Urian entrou pela porta, vindo do exterior. Phoebe estremeceu perante o péssimo sentido de oportunidade. Urian não era conhecido pelas suas competências diplomáticas. Era mais adequado aos momentos que exigiam um ataque nuclear.

A loura que acompanhava a irmã arquejou.

— Depressa, Phee — sussurrou ele. — Não consigo manter este local escondido muito mais tempo. — Sempre desafiante, cruzou o seu olhar com o do Predador da Noite sem hesitar.

Era impossível não ver a raiva e o ódio dos dois homens que quase não conseguiam refrear o seu desejo de se agredirem mutuamente. Este crepitava no ar e enfurecia todos os instintos *daemon* no corpo dela.

— Porque nos estás *tu* a ajudar? — quis saber o Predador da Noite.

Urian fitou-o com um esgar.

— Como se eu quisesse saber de ti, Predador da Noite. Só estou aqui para ajudar a minha esposa a proteger a sua irmã.

A loura arquejou.

— O Urian tem coração? Quem diria?

Urian dirigiu-lhe um olhar de igual repulsa.

— Cala-te, Abaddonna.

Agora era a vez de Phoebe ficar de boca aberta. Aquela brasa era Katra? A Kat de que Urian lhe falara tantas vezes ao longo dos anos? Engraçado, como ele se esquecera de alguns pormenores.

Como o facto de ela ser absolutamente espantosa! E sobrenaturalmente bela.

Mal conseguiu suprimir a raiva quando uma onda de ciúmes a trespassou. O que mais deixara ele de fora?

Era melhor que ele não a *conhecesse* biblicamente, caso contrário, um deles, ou os dois, ia ficar careca.

Mas esse pensamento desintegrou-se quando ele ignorou a loura, se aproximou de Phoebe e lhe deu um beijo no rosto. Phoebe sorriu-lhe.

— Foi o Urian que me salvou quando a mãe morreu. Retirou-me do carro depois de a bomba ter explodido e escondeu-me. Também tentou salvar a mãe e a Nia, mas não conseguiu chegar a tempo.

Pela expressão no rosto da irmã, percebeu que Cassandra não sabia o que pensar disso. E não podia culpá-la. Não fazia sentido que um *daemon*, ainda para mais um familiar de Stryker, as ajudasse quando durante toda a sua vida tinham sido perseguidas pela laia de Urian.

— Porquê?

— Não há tempo para isto — silvou Urian. — O meu pai não é tolo. Depressa irá retirar as suas conclusões quando não tiver resposta dos dois *apollite* mortos.

Phoebe acenou com a cabeça, depois virou-se para Cassandra.

— Estou a pedir-te que confies em mim, Cassie. Juro que não te irás arrepender.

Cassandra trocou um franzir de sobrolho com o Predador da Noite e Kat.

— Acho que podemos confiar nela.

O Sasquatch olhou de relance para Urian, depois para Kat.

— Disseste que eles eram sádicos. Há alguma hipótese de estarem a brincar connosco?

Urian deu uma gargalhada baixa e amarga.

— Nem fazes ideia.

Phoebe deu uma palmada na barriga do marido.

— Comporta-te, Uri. Não estás a tornar isto mais fácil.

Franzindo o sobrolho, ele esfregou a barriga no local onde ela lhe batera, mas não disse mais nada.

— Vamos — disse Kat. — Se ele estiver a mentir, agora já sei como magoá-lo. — O seu olhar recaiu sobre Phoebe.

Urian ficou rígido.

— Com ou sem Destruidora, se *alguma vez* lhe tocares, mato-te, Katra.

Sasquatch emitiu um som digno do Wookiee. Ela quase esperou que ele erguesse uma espingarda sobre o seu *Bantha* e lhe dirigisse um *grr*. Está bem, quem fizera isso fora um Tusken Raider, ainda assim...

— Nesse caso, estamos entendidos. Porque se acontecer alguma coisa à Cassandra, a Kat será o menor dos teus problemas.

E claro que sendo tão másculo e autoritário, só aumentou os níveis de testosterona alfa. Por isso, naturalmente, Urian avançou determinado a dar-lhe uma tarefa. O que era a última coisa de que precisavam. Com uma careta, Phoebe agarrou no seu ursinho e obrigou-o a recuar.

— Disseste que tínhamos de nos apressar — recordou-lhe. Assegurou-se de que deslizava o dedo pelo mamilo dele várias vezes para lhe desviar a atenção do homicídio e do caos.

Felizmente para o Sasquatch, funcionou.

As feições rígidas de Urian suavizaram-se quando ele baixou os olhos para ela e acenou com a cabeça. Sem mais uma palavra, conduziu-os em direção ao semirrígido preto que já os esperava no gelo.

O humano subiu primeiro para o barco, seguido por Kat.

Cassandra acompanhou-o.

— Este é o mesmo barco que os Mounties canadianos usam nas missões de busca e salvamento?

O Predador da Noite ficou rígido, como se a pergunta o ofendesse.

— É a mesma empresa que fabrica ambos, mas eu gostava de pensar que o meu é um bocadinho mais simpático.

Phoebe dirigiu um olhar a Urian e revirou os olhos.

Ele riu-se silenciosamente, fitando-a.

Embora, para ser sincera, enquanto subia a bordo do barco, tinha de admitir que ele não estava a mentir. A embarcação era excepcional. Extremamente elegante, incluindo o almofadado dos assentos.

— Pois — disse Chris enquanto se sentava e prendia o cinto. — Uns verdadeiros *Dudley Do-Right*.

Phoebe franziu o sobrolho quando se apercebeu de que Urian ainda estava na doca e não parecia ter planos para se juntar a eles. Decerto não estava a pensar em ficar. Não depois *daquilo*... — Vem connosco, Uri — implorou, esticando o braço para tomar a mão dele na sua. — Vão matar-te se descobrirem o que aconteceu.

A dor no rosto de Urian, enquanto ele a fitava melancolicamente, fê-la sentir vontade de chorar. As mãos dele tremiam enquanto seguravam a dela.

— Não posso, querida, sabes que não posso. Tenho de ficar e esconder o vosso rasto, mas prometo que entrarei em contacto assim que possível. — Beijou Phoebe apaixonadamente, depois beijou-lhe a mão e largou-a. — Fica em segurança.

— Tu também.

Ele acenou com a cabeça, depois soltou as últimas amarras.

— Cuida da minha esposa, Predador da Noite.

Wulf olhou de relance para Phoebe e acenou.

— Obrigado, *daemon*.

Urian fungou.

— Aposto que nunca pensaste que ias pronunciar essas palavras.

Urian ergueu as portas da doca ao mesmo tempo que um grupo de *daemon* entrava na casa dos barcos.

Phoebe arquejou e correu para ele. Não podia partir enquanto ele estava em perigo. Oh, meu Deus, não! Mas o sacaninha humano puxou-a para trás, enquanto o Predador da Noite acelerava e voava para norte sobre o gelo. Felizmente, o vento estava de feição e aceleraram rapidamente.

— Não. Não! — Phoebe guinchou enquanto deslizavam pelo lago. O coração dela batia em negação enquanto o terror a dilacerava. — Não podemos deixá-lo.

Embora o rosto dele mostrasse simpatia, não se deixou enganar por um

minuto. Como se um humano ou um Predador da Noite se preocupassem com o que acontecia aos da espécie dela.

— Não temos escolha — disse o humano. — Lamento.

Pois, certo.

Embora o coração dela estivesse partido, Phoebe não chorou. Urian ensinara-a melhor do que isso. Ele era um guerreiro, nascido e provado em combate. Enquanto sua esposa, honraria a sua coragem e mostraria a mesma força que ele tinha. Por isso, inspirou através da dor e obrigou-se a ficar de pé na parte de trás do barco, fitando desesperadamente o local onde ele estivera, na esperança de vislumbrar um sinal do seu destino.

É melhor que estejas bem. Não te perdoarei se morreres a salvar-me.

Cassandra agarrou-se com força ao cinto de segurança.

— Ei, Chris? A que velocidade vamos?

— A mais de cento e sessenta, pelo menos. Estas coisas conseguem atingir os duzentos e vinte e cinco com vento, mas ficam-se pelos sessenta e cinco contra o vento.

A loura avançou para se colocar ao lado dela.

— Ele vai ficar bem, Phoebe. O pai não o vai magoar muito. O Stryker pode ser psicótico, mas adora o Urian.

Ela não acreditou nisso por um instante, e Kat era louca se acreditava. Maldito fosse o marido pelos seus modos protetores.

E maldita fosse ela por lhe ter pedido que fizesse aquilo.

Odiando-se, fitou Cassandra, na esperança de não se arrepender daquela ação. Depois virou-se para o Predador da Noite.

— Continua para norte. Há um local seguro onde vos podemos esconder a todos.

Dois segundos depois de ter pronunciado aquelas palavras, um guincho horrendo ressoou sobre o motor do barco, os ventos e o estalar do gelo. Foi seguido pelo som distinto de asas a bater.

Tapando os ouvidos sensíveis, Phoebe ergueu os olhos e ficou de boca aberta. Santo Katateros, era um dragão!

E não era um dragão qualquer. Devia ser o pai louco de Urian atrás deles.

É melhor que não tenhas comido o meu marido.

— Oh, meu... — Cassandra não terminou a frase. Ficara tão catatónica quanto Phoebe se sentia.

Kat lançou-se sobre Cassandra.

Stryker guinchou ainda mais alto, como que frustrado pelas ações dela. O fogo ardeu sobre a proa do barco, levando Phoebe a agachar-se. O Predador

da Noite não abrandou de todo. Sacou da arma e disparou na direção da criatura.

Ainda na sua forma de dragão, Stryker mergulhou na direção deles, gritando ao aproximar-se. Quando as balas o atingiram, o dragão encolheu-se. No entanto, as feridas não abalaram a sua forma animal.

Stryker continuava a avançar para eles com uma determinação tenaz.

Mais perto.

Mais perto...

Quando muito, a criatura estava ainda mais irritada.

O Predador da Noite recarregou a arma e disparou mais alguns tiros.

Depois, quando Phoebe se sentiu certa de que estavam perdidos, Stryker desapareceu.

Durante dez segundos, ninguém se mexeu.

Chris ergueu a cabeça como uma suricata assustada.

— O que aconteceu?

— Deve ter sido chamado de volta — respondeu Kat. — É a única coisa que explica que tenha parado assim.

O Predador da Noite abrandou por fim um pouco.

— Chamado por quem?

— Pela Destruidora — disse Phoebe. — Ela não permite que magoem a Kat. — Por razões desconhecidas de todos, ela era mais sagrada para Apollymi do que qualquer outra pessoa.

— E porquê, Kat? — perguntou o Predador da Noite.

Kat pareceu desconfortável com a pergunta.

— Como Stryker, estou ao seu serviço.

Cassie franziu o sobrolho.

— Pensei que servias Ártemis.

— Sirvo-as às duas.

Phoebe emitiu um som de troça. Ninguém podia servir dois panteões. Ela bem o sabia.

Cassandra inclinou a cabeça.

— Uma pergunta. O que acontece se tiveres um conflito de interesses? Qual das duas seguirás, então?

A MADRUGADA estava a chegar. Dado que nem Phoebe nem o seu inimigo eram imunes ao sol, tinham de passar do barco para o *Land Rover* personalizado e fortemente modificado que Urian deixara ao seu dispor.

Chris estava a dormir no banco de trás, sentado entre ela e Kat e com a cabeça no ombro de Kat, que olhava pela janela.

Tinham deixado o barco para trás há uma hora e aceleravam agora em direção a Elysia.

Como era estranho estar naquele carro idiota sem Uri. Sempre achara que era estranho que ele o quisesse. Ele nunca prestara grande atenção ao mundo dos homens.

Até a conhecer.

Mas desde o casamento, tentara tornar-se um pouco mais «humano» para a acalmar. E embora Braden tivesse insistido que ela nunca deveria deixar o complexo, Shanus relaxara essas ordens quando assumira o lugar dele enquanto líder.

Por isso, há seis anos, Urian comprara aquele carro tolo para que os dois pudessem sair, porque ela o obrigara a ver uns filmes de John Hughes e lhe dissera que a única coisa de que sentia falta em relação à sua velha vida eram os «encontros românticos».

Tinham mesmo chegado a discutir por causa do carro.

«Uri, é parvo!»

«Não, Phee. Estive a investigar. E não é um encontro a sério, a menos que se vá de carro.»

Ela fungara só de pensar nisso. «O quê? Aprendeste a conduzir?»

«Sim, mais ou menos. Não confias em mim?»

«Com a condução? Nem pensar!»

«Vá lá, paguei muito dinheiro por uma carta de condução falsa. Tive aulas e tudo. Além disso, isto é mais um tanque do que um carro. Nada te poderá magoar cá dentro. Tem escudo e tudo. Assegurei-me disso. Prometo-te que nos vamos divertir. Vai ser o teu melhor aniversário de sempre.»

E fora. Deus, amava aquele homem mais do que a sua vida. Se lhe acontecesse alguma coisa por causa dela...

Ela estava doente de preocupação. Não havia como saber o que se estava a passar em Kalosis. A raiva e a fúria que Stryker estaria a sentir pelo falhanço daquela missão; e Urian, como principal comandante, receberia a parte pior da sua ira.

Teria ela trocado a vida da irmã pela do marido? Teria ela agradecido a gentileza de Urian ao salvar a sua vida, exigindo a dele?

Tudo o que ele conhecera das mulheres fora a traição. Agora poderia ter sido a responsável pela pior de todas.

Cassandra virou-se no lugar da frente para olhar para ela.

— Quanto falta?

— Já não é longe. — Esperava ela.

Cassie teve a lata de agarrar a mão do Sasquatch.

— Vamos chegar antes do nascer do Sol?

Phoebe afastou o olhar antes de ceder à tentação de lhes bater a ambos, o que representaria uma ação suicida dado que Sasquatch estava ao volante.

— Vai ser apertado. — Depois num sussurro, acrescentou: — Muito apertado.

A seguir, quando a irmã começou a dirigir olhares melosos ao Sasquatch, teve receio de que fosse vomitar.

Felizmente, estava a aproximar-se da curva seguinte, pelo que aproveitou a oportunidade para se chegar à frente no banco e interromper aquela coisa. Enfiando-se entre eles, apontou para o pequeno trilho onde a estrada acabava.

— Vira por ali.

Sasquatch não levantou qualquer objeção. Aquilo merecia-lhe alguns pontos extra.

Avançaram pelo bosque com relativa facilidade, que era algo que Urian gostava de fazer. Como ele tantas vezes dissera sobre o seu SUV: *Condu-lo como se o tivesses roubado*. A blindagem tornava relativamente fácil avançar através das árvores mais pequenas e viajar sobre a neve, o gelo e os detritos. A única coisa em falta eram as maravilhosas gargalhadas do *daemon* e o seu sorriso malandro enquanto das colunas jorrava a pavorosa música metal e ele os lançava por todo o bosque.

Gah, as coisas estranhas que o marido dela fazia para se divertir.

Ela recostou-se e apertou o cinto enquanto Sasquatch apagava as luzes para poder ver melhor. Ainda que confiasse na condução de Urian, não confiava de todo na de Sasquatch. O *Land Rover* saltitava sobre o terreno irregular como um cavalo selvagem.

Chris acordou com uma imprecação.

— O Stryker está de volta?

— Não — fungou Kat. — Tivemos de sair da estrada.

Sasquatch abrandou um pouco, para não soltar uma das lagartas dentadas que substituíam os pneus do SUV. Eram muito mais fiáveis naquele clima, ainda assim estavam longe de ser infalíveis, e a última coisa de que precisavam era de ficarem presos em céu aberto com a luz do dia tão próxima.

Precisamente quando o Sol espreitava sobre as montanhas, emergiram das árvores e chegaram à entrada escondida de Elysia. Phoebe emitiu um suspiro de alívio quando viu Shanus e dois conselheiros no exterior. À espera.

Cassandra silvou e largou a mão dele.

— Está tudo bem. — Phoebe abriu a porta e correu para eles. Ergueu o capuz do casaco para se proteger do Sol que despontava.

Alto e louro, Shanus erguia-se nas sombras com os seus companheiros.

— Foi um bocado apertado, não?

— Nem me digas. Foi uma noite difícil.

— Onde está Urian?

Ela refreou as lágrimas.

— Não está connosco.

— Deixou outra pessoa conduzir o seu SUV?

— «Deixou» talvez não seja a palavra mais correta. — Ela apontou para o SUV. — Vai morrer quando descobrir que foi um Predador da Noite.

Os olhos de Shanus quase lhe saltaram das órbitas.

— Estás louca! Não podes trazer um *deles* para aqui! Sabes bem disso!

— Temos de o deixar entrar.

— Não! E digo mesmo não! Não, não, não! Todo o tipo de nãos!

— Shanus...

— Não, Phoebe, não!

— Eu vou contar ao Urian. Não queres que eu faça essa chamada.

Um tique agitou o maxilar dele.

— Estás a tornar muito difícil para mim gostar de ti, agora.

— Eu sei e juro que se ele fizer algo de errado, o poderás matar. O Urian ajuda.

Shanus suspirou de exasperação.

— Está bem, mas só porque é de madrugada e não quero explodir numa nuvem de chamas. — Ele fitou-a, furioso. — Maldita sejas!

— Acredita, eu sei.

Com o pior sentido de oportunidade possível, Sasquatch e Kat escolheram aquele momento para sair do SUV e avançar para eles. Como se isso não fosse suficientemente mau, Sasquatch tinha a mão pousada na espada, como se *eles* fossem o problema.

Sim, pois, gah... Os Predadores da Noite e a sua arrogância.

Phoebe fitou Sasquatch.

— Importas-te, Predador da Noite? — Apontou para o Sol. — Estamos a ficar sem tempo. Não preciso da tua atitude neste momento. Mas se me entregares as armas em vez de te exibires como um pavão, estou certa de que ajudaria a facilitar as coisas e contribuiria muito para me ajudar a convencer os meus rapazes de que não estás aqui para matar alguém. E permitiria que Cassandra fosse vista por um médico *apollite* que a espera no interior, e que sabe, de facto, como cuidar de uma grávida no seu estado em particular.

Sasquatch olhou por cima do ombro para a irmã dela, antes de lhe dirigir um subtil aceno de cabeça. De rosto imperscrutável, entregou todas as suas armas sem protestar.

Grata aos deuses, Phoebe permitiu-se, por fim, um suspiro de alívio.

— Obrigada!

— Tens de quê.

Ignorando a estocada de Sasquatch, Phoebe apertou o braço de Shanus, enquanto os dois conselheiros o levavam para dentro. Depois, ela e Kat foram buscar a irmã e Chris.

A expressão no rosto de Cassandra dizia que a irmã lhe queria arrancar os olhos por ter permitido que lhe levassem o seu grande e peludo namorado.

— O que se passa?

Kat suspirou, cansada.

— Estão a colocar o Wulf sob custódia para se assegurarem de que não magoa nenhum deles. Anda, têm um médico lá dentro à tua espera.

Cassandra hesitou e olhou na direção para onde tinham desaparecido.

— Confias mesmo neles?

— Não sei. Tu confias?

— Confio na Phoebe. Acho eu.

Kat deu uma gargalhada.

Phoebe não achou aquilo nada divertido.

Cassandra deslizou do jipe e deixou que Kat a conduzisse e a Chris para a gruta enquanto Phoebe contemplava a resposta da irmã, em especial tendo em conta que fora o seu marido a arriscar a vida para os salvar a todos. Como se atreviam?

Sacanas ingratos, todos eles!

Ainda assim, conseguiu encontrar em si alguma compaixão. Afinal de contas, a irmã estava grávida e era o último membro vivo da sua família.

— Não tenhas medo, Cassie. Todos nós sabemos como tu e o bebé são importantes. Aqui ninguém vos quer magoar. Juro-te.

— Quem são *nós*?

— Esta é uma comunidade *apollite*. — Phoebe conduziu-os ao interior da gruta, para lá dos mercenários humanos contratados para proteger a entrada durante as horas diurnas. — Uma das mais antigas da América do Norte.

Assegurando-se de que estavam todos no interior, em segurança, Phoebe pousou a mão sobre a Pedra Espiralada, onde um mecanismo acionado por uma mola abriu a porta do elevador.

Chris ficou boquiaberto numa expressão de espanto exagerada.

— Santa granada de mão, Batman, é a caverna do Batman!

Phoebe sorriu ao rapaz com idade para ser um estudante universitário, de cabelo escuro, que parecia ser o irmão mais novo, e muito mais pequeno, do Predador da Noite. Este era, na verdade, bastante fofo de um modo muito saudável e inocente. Estranhamente, estava a conquistar Phoebe.

Não fora ele um Escudeiro do seu inimigo, se se tivessem conhecido em circunstâncias diferentes, podia imaginá-los amigos. Era agradável e amigável. Até divertido, às vezes.

Sasquatch, por outro lado, era alguém que ela queria apunhalar de cada vez que olhava na direção dela. E necessitava de recorrer a toda a sua força de vontade para não lhe arrancar a cabeça.

Gah, Cassandra! Simplesmente... raios!

— Oh, vá lá! — Chris olhou de relance para o grupo como uma criança exuberante. — Decerto, há alguém, para além de mim, capaz de ver o humor nesta situação? — E olhou para os três rostos inexpressivos, depois esmoreceu. — Parece que não.

Cassandra foi a primeira a entrar no elevador.

— E os homens lá fora? Quem eram?

Phoebe esforçou-se por não pensar no grupo que os tinha recebido.

— Aquele era o nosso conselho governativo. Não é possível fazer aqui nada sem a sua aprovação direta.

Kat e Chris juntaram-se a elas. A porta do elevador fechou-se.

— Há aqui *daemon*? — perguntou Chris, enquanto Phoebe premia um botão para que o elevador iniciasse a sua longa descida para o complexo onde vivia.

— O único *daemon* nesta comunidade sou eu. Permitem-me que viva aqui porque estão em dívida para com Urian pela sua ajuda. Enquanto eu não chamar a atenção para mim ou para a existência deles, é-me permitido ficar. — Ficou à espera de que algum deles emitisse um comentário desagradável, mas, sabiamente, mantiveram as bocas fechadas.

No entanto, ela conhecia a irmã o suficiente para ver a desconfiança nos olhos de Cassandra. A irmã tinha medo dela.

Assim fosse. Ela arriscaria tudo por Cassie. Tudo.

E esta nem tivera a decência de dizer: *Obrigada. Tu e o teu marido podem ser daemon, mas que simpático e generoso da vossa parte por arriscarem as vossas vidas, por o teu marido ser forçado a matar pessoas que considera família e por tu nos entregares para que eu e o meu bebé e o meu idiota Sasquatch Predador da Noite possamos sobreviver a esta noite.* A sério, seria pedir demasiado? Um agradecimento, simples e básico?

Já era de esperar, não? Phoebe já se tinha esquecido do quão egoísta a irmã podia ser.

Quando as portas se abriram, Cassie arquejou devido a algo a que Phoebe se habituara há muito. Mas lembrava-se da primeira vez que Urian a levava ali, em 1990. Parecia algo saído de um filme de ficção científica. Tudo tinha sido desenhado como se se tratasse de uma cidade do futuro de Isaac Asimov ou de Larry Niven. Feitas de aço e betão, as paredes tinham sido pintadas com murais brilhantes de paisagens luminosas, banhadas por uma luz solar que a sua espécie jamais poderia ver a não ser nos filmes.

Urian passava muito tempo, quando ali ia, a olhar para uma imagem em especial. E a percorrer as velhas fotografias dela com a família e a perguntar-lhe qual era a sensação da luz do Sol.

Era nessa altura que mais sofria.

Por ser parcialmente humana, até se ter tornado *daemon*, tinha alguma tolerância à luz solar. Não podia apanhar banhos de sol ou ir dar uns mergulhos. Mas aguentava alguns minutos no exterior sem se transformar em pó.

Urian não podia. E por isso Phoebe dera o seu melhor para lhe explicar o que a costumava irritar porque nunca se apercebera da sorte que tinha. Não até ter conhecido o rapaz que nunca vira a luz do dia de todo. Até àquele dia, a história das tentativas dele em captar um vislumbre do Sol com o irmão, Paris, levavam-lhe as lágrimas aos olhos.

Maldita fosse a irmã se lhe tivesse acontecido alguma coisa.

Limpendo os olhos, Phoebe emergiu do elevador para uma zona central, mais ou menos do tamanho de um campo de futebol. Do átrio central partiam corredores que davam acesso a outras áreas e centros do complexo.

Aquela parte principal era o *hub* de Elysia e ali se encontravam a maior parte das lojas e dos vendedores, com exceção dos restaurantes. Sendo *apollite*, não precisavam deles.

— A cidade chama-se Elysia. — Sem abrandar o passo, Phoebe conduziu-os através de uma mão-cheia de residentes que tinham parado para os observar fixamente. — A maior parte dos *apollite* que aqui se encontram tem vivido debaixo do chão toda a sua vida. Não têm qualquer desejo de ir lá acima e ver os humanos e a sua violência. Nem têm qualquer desejo de verem a sua espécie a ser caçada.

Depois de terem passado pelo povo dela, Chris pigarreou para lhe chamar a atenção.

— O que é que eles fazem aos *daemon*?

— Nenhum *daemon* é aqui tolerado por necessitarem de uma dieta

regular de almas de *apollite* ou humanas. Se um *apollite* decide tornar-se *daemon*, é-lhe permitido sair, mas nunca mais pode regressar. Nunca mais.

Kat arqueou uma sobrancelha.

— No entanto, vives aqui. Porquê?

— Já vos disse, o Urian protege-os. Foi ele quem lhes mostrou como construir este local.

— Porquê? — insistiu Kat.

Phoebe parou e virou-se para dirigir a Kat um olhar avaliador enquanto lidava contra o impulso para a esbofetear e a Cassandra pela sua contínua desconfiança, que era agora ridícula. Que mais precisaria de fazer para que acreditassem nela? Imolar-se pelo fogo?

— Apesar do que possam pensar do meu marido, ele é um bom homem. Quer apenas o melhor para o seu povo. — O olhar de Phoebe deslizou para Cassandra. — Urian foi a primeira criança nascida com a maldição dos *apollite*.

Tecnicamente, a segunda, dado que o seu irmão gêmeo nascera antes dele. Mas suficientemente perto. E por psicopata que fosse Stryker, aquele fora um facto que tentara esconder de Urian durante anos. Até mentira aos filhos sobre o dia do seu nascimento para que não soubessem.

Até o irmão de Urian, Archie, lhe ter revelado cruelmente a verdade quando, em crianças, se envolveram numa discussão. *Pelo menos eu não fui o primeiro a nascer amaldiçoado, Uri! Isso mostra o quanto até o nosso avô te deve odiar!*

A notícia atingira Urian como um martelo de forja e nunca dissera a ninguém que sabia a verdade.

Não, até Phoebe. Só com ela partilhara a sua vergonha.

Cassandra arquejou.

— Isso quer dizer que tem...

— Mais de onze mil anos de idade. — Phoebe terminou a frase por ela. — Sim. A maioria dos guerreiros que viaja com ele têm a mesma idade. Remontam ao início da nossa História.

Chris assobiou baixinho.

— Como é isso possível?

— A Destruidora protege-os — disse Kat. — Tal como os Predadores da Noite servem Ártemis, os verdadeiros Spathi servem-na a ela. — Ela suspirou como se o conflito a ferisse com igual profundidade. — Ártemis e Apollymi estão em guerra desde o primeiro dia. A Destruidora está em cativeiro, porque Ártemis a enganou, e irá passar todo o seu tempo a congeminar a tortura e a morte de Ártemis. Se algum dia sair, Apollymi destruí-la-á.

Cassandra franziu o sobrolho.

— Por que é que a Destruidora odeia a Ártemis?

— Amor. O que mais? — disse Kat, simplesmente. — Amor, ódio e vingança são as emoções mais poderosas na Terra. Apollymi quer vingar-se de Ártemis por ter matado algo que ela amava mais do que tudo no universo.

— E o que era?

— Jamais trairia a confiança delas ao dizer-to.

— E podes escrevê-lo? — perguntou Chris.

Kat revirou os olhos.

Cassandra e Phoebe abanaram as cabeças.

Chris zombou da reação delas.

— Oh, sim, como se as duas não estivessem a pensar o mesmo.

Não, mas as palavras de Kat tinham-na feito pensar no pessimismo desagradável de Urian sempre que ela o obrigava a assistir a uma comédia romântica, em vez dos filmes de terror que ele preferia: *O amor não conquista tudo. Apenas uma espada veloz é capaz de tal feito.*

E com aquele pensamento em mente, Phoebe levou-os para a área residencial.

— Isto são apartamentos. Ser-vos-á dada uma grande unidade com quatro camas. A minha fica num corredor diferente. Gostaria de vos ter mais perto, mas esta era a única disponível com capacidade para vos acomodar a todos.

A última coisa que Shanus e os outros queriam, ou com que concorriam, era em espalhar os quatro. Não só tornava mais difícil protegê-los, como tornava mais difícil vigiá-los. Aquela solução era mais fácil e segura para todos.

Cassandra hesitou junto à porta.

— O Wulf já aqui está?

— Não. Foi levado para uma cela de detenção.

Chocada, depois furiosa, a irmã ficou de boca aberta.

— Desculpa?

Phoebe teve de controlar o seu próprio temperamento. Não estava de todo com disposição para aquilo. Gostaria de poder sair para confirmar se o seu marido, que estava numa situação muito, muito pior do que a de Sasquatch, estaria em segurança.

— Ele é nosso inimigo, Cass. O que esperas que façamos?

— Espero que o libertes. Agora!

— Não posso.

Cassandra estacou.

— Então mostra-me a porta daqui para fora.

Estaria ela a brincar? Depois de tudo o que Urian fizera por ela? Depois de tudo o que arriscara para lhe salvar a vida? Nunca tinha Phoebe desejado magoar alguém mais do que desejava esbofetear a irmã ali mesmo. Cass bem podia agradecer pelo facto de estar grávida.

— O quê?

— Tu ouviste-me. Não vou ficar aqui a menos que ele seja bem-vindo. Ele arriscou a vida por mim. A casa dele foi destruída por minha causa e não irei viver confortavelmente enquanto o pai do meu bebé é tratado como um condenado.

Atrás deles, alguém começou a bater palmas.

Phoebe olhou para lá da irmã e viu Shanus que se juntava a eles.

Com quase dois metros e dez, ele era lindo e esguio. Muito elegante e a aproximar-se rapidamente da idade em que necessitava de encontrar um substituto, porque iria decair e transformar-se em pó, graças a Apolo.

Ele sorriu para Cassandra.

— Belo discurso, princesa. Não muda nada.

Ela semicerrou o olhar, fitando-o.

— Então e uma boa tarefa?

Ele riu-se da ameaça.

— Estás grávida.

— Não estou assim *tão* grávida. — Ela lançou um dos punhais que trazia presos ao pulso na direção do homem. O punhal ficou preso na parede depois de passar muito perto da cabeça dele.

O rosto de Shanus perdeu todo o humor e Phoebe não o podia culpar. Sentia-se mortificada e envergonhada pela falta de gratidão da irmã.

— O próximo irá para o teu coração.

— Cassie, para! — exigiu Phoebe, agarrando-lhe o braço.

Cassandra agitou-o para se libertar.

— Não. Passei toda a minha vida adulta a acabar com a raça de todos os *daemon* e *apollite* que cometiam o erro de vir atrás de mim. Se pensam por um minuto que eu e a Kat não conseguimos destruir este local para libertar o Wulf, podem pensar outra vez.

— E se morreres? — perguntou o homem.

— Então perdemos todos.

Ele fitou-a, pensativo.

— Estás a fazer *bluff*.

Cassandra trocou um olhar determinado com Kat.

— Sabes que estou sempre pronta para uma boa luta. — Kat removeu do bolso do manto o cajado de combate e esticou-o.

As narinas do homem agitaram-se quando viu que elas se preparavam para o atacar.

— É assim que agradecem a minha gentileza por vos abrigar?

Cassandra ergueu o queixo como a miúda mimada e ingrata em que o pai a transformara.

— Não, é assim que agradeço ao homem que me protege. Não permitirei que o Wulf seja tratado desta forma depois de tudo o que fez.

Shanus recuou e curvou a cabeça em sinal de respeito.

— Ela tem a coragem de um Spathi.

Não, tinha a garra de uma fedelha que queria uma bolacha, sem se preocupar com a forma como isso afetava todos os que a rodeavam. E Phoebe sentiu que o seu rosto enrubescia de vergonha. Tinha-os avisado de que Cass podia ser difícil quando não lhe faziam a vontade, pelo que num esforço para ser diplomática, inclinou a cabeça.

— Eu bem te disse.

Shanus ofereceu-lhes um leve sorriso.

— Entra com Phoebe, princesa, e pedirei que levem até ti o Predador da Noite.

Ainda assim, e de olhos fixos nele, Cassandra perguntou com desconfiança:

— Prometes?

— Sim.

Ainda cética, Cassandra olhou para Phoebe, que por aquela altura já estava com a irmã pelos cabelos.

— Posso confiar nisso?

Segurem-me... Contando até três, sorriu por entre a sua raiva.

— Podes, Shanus é o nosso Conselheiro Supremo. Ele nunca mente.

— Phoebe, olha para mim.

Não uses esse tom comigo, cabra. Estou prestes a esbofetear-te!

— Diz-me a verdade. Estamos em segurança aqui?

Com eles?

— Sim, juro por tudo o que é mais importante para mim, incluindo a vida de Urian. Tu estás aqui porque Stryker jamais se lembrará de procurar numa comuna de *apollite*. Todos nós sabemos que, se o teu bebé morrer, o mesmo acontecerá com o nosso mundo. E as nossas vidas, embora breves,

continuam a ser preciosas para nós. Vinte e sete anos, para as pessoas que aqui vivem, é melhor do que nada.

Mas se não fechas a matraca e entras nesse quarto para eu poder ir ver do meu marido, vou dar-te uma tarefa.

Por fim, Cassandra inspirou fundo e acenou com a cabeça.

— Está bem.

Dirigindo um olhar irritado a Shanus, que estava atrás de si, Phoebe abriu a porta.

Shanus engoliu uma gargalhada e despediu-se.

Furiosa, Phoebe seguiu-os para o interior da sua nova casa. Como todas as unidades, a sala principal tinha cerca de quarenta e cinco metros quadrados e tudo o que uma casa normal humana teria. Um sofá gigante e fofo, e outro de dois lugares, e um centro de entretenimento com televisão, aparelhagem e leitor de DVD.

Chris dirigiu-se de imediato para esse espaço.

— Isto funciona, ao menos?

— Sim. Temos transmissores e outras ligações que trazem até nós o mundo humano.

Kat abriu as portas para os quartos e a casa de banho, que ficavam separados da zona comum.

— Onde fica a cozinha?

Phoebe dirigiu-lhe um olhar divertido perante o disparate da pergunta.

— Não temos cozinhas — recordou-lhe. — Mas os conselheiros estão a organizar-se para trazerem um micro-ondas e um frigorífico, dado que vocês comem. Juntamente com alguns artigos de mercearia. Muito em breve deverão ter algo para todos vocês.

Dado que não tinham telefones, Phoebe apontou para uma pequena caixa verde-escura numa mesa de apoio.

— Se precisarem de alguma coisa, têm ali o intercomunicador. Basta carregarem no botão e serão atendidos por uma das operadoras. Se precisarem de falar comigo, digam-lhe que querem contactar a esposa de Urian e saberão a que Phoebe passar.

Ouviram bater à porta.

Phoebe foi abrir enquanto Cassandra ficava para trás, com Kat e Chris.

— O que vos parece?

Chris encolheu os ombros.

— Parece bem. Não estou a captar vibrações maléficas, e vocês as duas?

Kat olhou em volta.

— Concordo com o Chris. Mas ainda há uma parte de mim que não confia neles. Sem ofensa, Cass, mas os *apollite* não são conhecidos por serem sinceros.

— A quem o dizes.

Phoebe fungou perante *tal* comentário, em especial tendo em conta a fama da sinceridade humana. Hum, pois... De acordo com o último artigo que lera, uma pessoa mente, em média, trinta vezes por hora. *Em média*. Trinta vezes por hora. Não era muito simpático para um humano patológico ou «não-mediano», pois não? E atreviam-se a dizer que os *apollite* eram desonestos?

Pois...

Imensamente irritada, Phoebe trocou um esgar aborrecido com a Dra. Lakis, que tinha a mesma altura que ela e envergava uma camisola rosa-clara e calças de ganga. Como estava de serviço, tinha o cabelo louro, que lhe chegava aos ombros, preso num carrapito pouco apertado.

Felizmente para a sua irmã, a Dra. Lakis era melhor a esconder a sua irritação.

— Cassandra?

Ficou à espera de que Cass olhasse para ela.

— Sou a Dra. Lakis. — Estendeu a mão para Cassandra. — Se não te importas, gostaria de te examinar e de ver como está o bebé.

Depois as duas afastaram-se.

Phoebe esperou um momento antes de ir falar com Kat e Chris.

— Vocês precisam de alguma coisa?

Katra inclinou a cabeça.

— O Stryker não vai magoar o Urian. Porque estás tão preocupada?

Phoebe deu uma gargalhada amarga.

— Não o conheces de todo, pois não?

— Conheço-os aos dois há muito mais tempo do que tu.

— Então devias saber como o Stryker se pode tornar violento e a frequência com que ataca os que lhe são próximos.

Kat trocou um olhar arrogante com Chris.

— Mas não contra Urian.

— A sério? Na noite em que Urian deixou o irmão, um solado experiente, para salvar a vida de uma *apollite* cega e dos seus filhos, o pai quase o espancou até à morte. Não fora pela intervenção de Apollymi, provavelmente, tê-lo-ia feito.

Kat ficou de boca aberta.

— Ele disse-te isso?

— Não, um amigo dele, como aviso para que jamais cometesse o erro de o colocar na mira do pai. Ele queria realçar que, embora Urian me garanta sempre que está bem e que vai ficar tudo bem, ele não está bem e está a fazer um jogo muitíssimo estúpido com a sua vida. Por mim...